

Histórias de ontem, histórias de hoje: representações da menina negra na literatura infantil brasileira.

Lopes Chaves, Rosa Silvia y Finco, Daniela.

Cita:

Lopes Chaves, Rosa Silvia y Finco, Daniela (2024). *Histórias de ontem, histórias de hoje: representações da menina negra na literatura infantil brasileira*. 6tas Jornadas de Estudios sobre la Infancia, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/6jornadasinfancia/42>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/ez2b/2AS>



Esta obra está bajo una licencia de Creative Commons.
Para ver una copia de esta licencia, visite
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.es>.

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

SEXTAS JORNADAS DE ESTUDIOS SOBRE LA INFANCIA

Las infancias en América Latina entre diversidades, jerarquías y derechos (siglos XIX a XXI)

Eje 6. Infancias y jerarquías: entre clase, género, etnia y raza

Histórias de ontem, histórias de hoje: representações da menina negra na literatura infantil brasileira

Rosa Sílvia Lopes Chaves¹

Daniela Finco²

Introdução

Este trabalho busca refletir sobre o processo de valorização e fortalecimento das identidades das personagens meninas negras, analisando as mudanças e permanências no contexto literário do Brasil. Analisa as ciladas das imagens de controle, nas formas de representações identitárias das personagens meninas negras, confrontando historicamente as obras “Negrinha” (LOBATO, 1920), produzida no século XX e “Peppa” (RANDO, 2010), produzida no século XXI. O trabalho problematiza suas imagens, mensagens e narrativas, considerando os processos de reconhecimento identitário. Busca tensionar as concepções de infância negra, a partir campo da história da literatura infantil brasileira e da questão da representação das meninas negras, mediado pelas lentes interseccionais do feminismo negro considerando as hierarquias de gênero, raça-etnia, idade e classe social.

Tem como base resultados de uma tese de doutorado (CHAVES, 2023) cujo objetivo é refletir sobre o processo de valorização e fortalecimento das identidades das meninas negras, a partir de literaturas negras infantis contemporâneas. Busca analisar as possibilidades de representação, identificar quais as narrativas, mensagens e materialidades acerca das personagens meninas negras, além de analisar como elas podem favorecer a visibilidade e a afirmação de suas identidades de gênero e étnico-racial. Busca refletir sobre os aspectos materiais e simbólicos sob

¹ Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE da Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP - Campus Guarulhos, Brasil. Pesquisadora no Grupo de Pesquisa Educação da Pequena Infância, Cultura e Sociedade da Unifesp- Guarulhos - Brasil. E-mail: lopes.chaves@unifesp.br.

² Professora Associada do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Paulo - Unifesp. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Gênero, Educação da Pequena Infância Cultura e Sociedade - Unifesp- Guarulhos - Brasil. E-mail: dfinco@unifesp.br

os quais as representações permeadas por desigualdades étnico-raciais e de gênero são socialmente construídas. Tem como base os resultados de investigações que revelam como as perversas experiências de discriminação racial na pequena infância estão entre os elementos centrais para a construção de um processo de reconhecimento identitário.

Os procedimentos metodológicos delineiam-se por meio da análise de literaturas, buscando compreender as formas de representatividade de meninas negras e sua relação com os processos de construção identitária nas infâncias. Ao olhar para literaturas como a de *Negrinha* e *Peppa* é possível perceber o quanto o racismo, a colonialidade do ser, do saber e do poder estão presentes e enraizadas historicamente no imaginário e nas práticas sociais, culturais e educacionais, trazendo ainda muitos desafios para problematizar a infância das meninas negras na sociedade brasileira.

Tem como referencial teórico os Estudos Feministas Negros e os Estudos Sociais da Infância, que nos ajudam a tensionar a ideia universal de infância, destacando seu funcionamento como um dispositivo de poder, as normativas de gênero e raça que regem olhares, práticas educativas, culturais e sociais evidenciando a pluralidade de infâncias contrapondo-as ao discurso hegemônico eurocêntrico.

O trabalho mobiliza os conceitos de imagens de controle, sub-representação e objetificação (COLLINS, 2019) para compreender os processos de usos e apropriações de imagens historicamente destinadas às infâncias. Analisa como os processos de discriminação racial de crianças negras estão enraizados na sociedade brasileira, que tenta mascarar a imposição de um ideal de ego branco e que se manifesta no tratamento estereotipado da produção cultural negra na sociedade brasileira. Os estereótipos e a sub-representação negra, configuram-se como reflexos e indício do racismo sistêmico no Brasil, também presentes na literatura infantil. No Brasil, no começo do século XX, se observa a presença de personagens negras nas obras de literatura infantil, embora de forma estereotipada e subalternizada com relação às personagens brancas.

Neste contexto, as obras de Monteiro Lobato marcam o campo da literatura infantil no Brasil, que consistiram em um flerte com a modernidade europeia e o ideal eugenista, consideravam a população brasileira miscigenada como uma deterioração da raça branca, trazendo em seu bojo o desejo republicano de um país hegemonicamente branco. Essas reafirmações racistas derivam de delicadas

relações que o escritor estabelece entre a literatura e sua percepção do social e do histórico em relação à presença e ao valor do(a) negro(a) na sociedade brasileira.

Buscando identificar mudanças e permanências no contexto literário brasileiro, trazendo a produção literária contemporânea do século XXI, podemos identificar que a maioria das personagens continua sendo branca, e que as personagens negras ainda são em sua grande maioria sub-representadas, o que reflete as assimetrias e desigualdades das relações étnico-raciais que continuam se apresentam entre silêncios e estereótipos, como podemos ver nas análises da personagem no livro “Peppa”. O livro escrito por Silvana Rando (2010), uma premiada ilustradora e autora de literatura infantil, foi contraditoriamente aprovado no Programa Minha Biblioteca pelo Ministério da Educação (MEC, 2010), comprado e distribuído às escolas, por redes públicas de educação.

Reconhecer a assimetria de poder entre quem nomeia e é nomeado é uma das questões que pontuam a discussão das relações étnico-raciais e de gênero na infância. Desse modo, o trabalho busca questionar as formas de retratar historicamente as meninas negras, violentamente sustentadas pela ficção eurocêntrica da modernidade. Busca tensionar e pluralizar a categoria “menina negra” ao trazer em pauta as formas de representações na literatura infantil brasileira.

A construção histórico social das infâncias negras brasileiras numa sociedade racista, colonialista, eurocêntrica, patriarcal e adultocentrada, na qual muitas vezes os direitos destas meninas à provisão, proteção e participação social se encontram negligenciados. Em nossa sociedade brasileira adultocêntrica (ROSEMBERG, 1976) e baseada nos valores da branquitude (BENTO, 2012), olhar para as meninas negras e valorizar suas formas de ser ajuda a desvendar as tramas de poder que revestem as relações sociais e invisibilizam essas crianças pequenas.

Para isso o diálogo com os estudos feminista negro brasileiro – como os de Lélia Gonzales (1984), Aparecida Silva Bento (2012) e Sueli Carneiro (2011), Nilma Lino Gomes (2003, 2019) auxiliaram o refinamento do nosso olhar, além de outras feministas norte americanas bell hooks (2017), Patricia Hill Collins (2019), que também contribuíram para o recorte analítico. Assim foi possível desvelar nas sutilezas as hierarquias presentes nas relações das mulheres negras, buscando o desafio de identificar nesta produção acadêmica a presença e a visibilidade das infâncias das meninas negras.

O campo de estudos sociais das infâncias também contribuiu sobremaneira ao

evidenciar as várias formas de ser criança e vivenciar as infâncias, entendendo as infâncias como construção histórico-social, como categoria estrutural e geracional que fazem parte e interferem na sociedade (FINCO; OLIVEIRA, 2011; ABRAMOWICZ; OLIVEIRA, 2010; TRINIDAD, 2011; JOVINO, 2015, 2017; SOUZA, 2016; CHAVES, 2023). Nas perspectivas destas pesquisas surgem um olhar apurado para as infâncias negras brasileiras, uma vez que se constituem numa sociedade na qual são subordinadas e invisibilizadas, mas ao mesmo tempo (re)existem. Consideram que as Infâncias negras traduzem uma pluralidade e ao mesmo tempo singularidades, permeadas pelo tenso, conflituoso e desigual contexto sócio-histórico, econômico e político que perpassam as existências das crianças negras na sociedade brasileira.

O diálogo com tais estudos ajudam a romper silenciamentos, pela luta por direitos e afirmação das identidades, estéticas e corporeidades negras, compondo o cenário político da pesquisa como forma de resistência, destacando uma epistemologia negra que articula teoria, metodologia e prática política com vistas à transformação social.

Representações da infância negra: imagens de controle e formas de violência

Quando colocamos em xeque os imaginários oriundos da colonialidade do poder, apresenta-se o desafio de pensar nas formas de representação de meninas negras em uma sociedade que as invisibiliza. Essas crianças, portanto, têm suas identidades diluídas e apagadas desde os primeiros anos de vida. Ao problematizarmos as formas de exclusão e violência, confirmamos o compromisso político com a justiça social para a garantia de direitos (CHAVES; 2023)

O diálogo com a socióloga Patrícia Hill Collins, a partir das epistemologias feministas negras, nos subsidia com o conceito de “imagens de controle” (COLLINS, 2019) traz para essa pesquisa o desafio de olhar a cultura material e as representações das infâncias de meninas negras na literatura infantil. Este conceito ajudou a evidenciar as facetas simbólicas e materiais do racismo e sexismo considerando que as meninas e mulheres negras são objetificadas e subalternizadas.

O conceito “imagens de controle” evidencia uma das facetas simbólicas e materiais do racismo e machismo, ou seja, as meninas e mulheres negras são objetificadas e a subalternizadas, bem como são consideradas como “Outros” na sociedade, aquelas que estão à margem. Paradoxalmente, elas são a base

fundamental para a sustentação desta sociedade, pois ao estarem à “margem”, as meninas e mulheres negras, afrodescendentes e demais grupos considerados minoritários nesta lógica hegemônica de oposição binária, delimitam o que seria o “centro”, ou seja, a branquitude, o patriarcado. Desafiar estas imagens de controle é uma das prerrogativas fundamentais da epistemologia feminista negra, favorecendo olhares que desestabilizam a ordem social hegemônica ao entender que a nomeação abre caminhos para a autodefinição (COLLINS, 2019). Desse modo, nós mesmas exercemos o poder de controlar as narrativas que envolvem mulheres e meninas negras.

A objetificação de sujeitos sociais assenta-se na lógica binária, na qual as diferenças são apresentadas hierarquicamente e categorizadas em oposição, em contradição e apagamento deste/a denominado/a como “Outro”, ou seja, aquelas/es que não pertencem ao grupo hegemônico. O controle e a manipulação do “Outro” garantem a manutenção e a naturalização dos privilégios do grupo que busca afirmar sua hegemonia. Variadas formas de objetificação deste “Outro” sustentam-se dentro da lógica da colonialidade do poder que, ao persistir, gera a invisibilidade, a desumanização e, em alguns casos, a eliminação deste “Outro” (COLLINS, 2019).

Observa-se que tomar como eixo uma epistemologia feminista negra, disruptiva em relação à ideia de universalização, significa buscar espaços para que a população não branca possa também ter protagonismo. Trata-se, pois, de romper estereótipos, exercendo resistência à supremacia branca, criando fissuras na linguagem e forjando espaços para a produção cultural, de modo que a valorização da diferença é decisiva para criar e fortalecer perspectivas contra-hegemônicas (hooks, 2017).

Desse modo este trabalho olha para a literatura infantil buscando refletir sobre o direito a representatividade das meninas negras, as formas com que seus corpos e formas de ser são representados numa sociedade constituída a partir do “mito da democracia racial” (GUIMARÃES, 2001), pela ideologia do embranquecimento e por uma cultura marcada pela invisibilidade de mulheres, sobretudo as negras, na história oficial brasileira (GONZALEZ, 1984; CARNEIRO, 2011).

O exercício é o de pensar as meninas negras a partir de personagens protagonistas na literatura infantil negra contemporânea. Pensar na literatura infantil protagonizada por personagens de meninas negras revela-se como possibilidade de refletir sobre os aspectos materiais e simbólicos subjacentes à constituição dos

processos identitários na infância e, assim, problematizar as desigualdades étnico-raciais e de gênero presentes na infância brasileira.

Monteiro Lobato e a representação da menina negra em “Negrinha”

Monteiro Lobato foi um escritor que produziu uma longa lista de livros destinados ao público infantil. Sua produção proporcionou uma oferta para o/a leitor/a do público infantil, que outrora não era foco da literatura, que, até então, era mais voltada ao público adulto e jovem, neste sentido torna mais importante (e urgente) a crítica diante das premissas e ideais eugenistas, higienistas e racistas que permeiam sua produção literária.

Lobato foi um grande defensor dos princípios que impregnam sua vida e obra. Sua trajetória foi marcada pela ideia supremacista branca, com a crença em uma suposta “raça pura” (branca). O ideal nacionalista do Brasil República era pautado pela busca do embranquecimento da população brasileira, delineado por contornos sanitaristas de defesa da esterilização e banimento da raça negra da sociedade. Estes ideais eugenistas foram disseminados pelo autor, conhecido como “maior” escritor de literatura infantil brasileiro, tendo escrito de forma sistemática para as crianças a partir de uma perspectiva marcada pelo encantamento e fantasia (SOUZA, 2017)

Vale destacar, ainda, que este escritor se tornou membro da Sociedade Eugenista de São Paulo (inaugurada em 1918). Em síntese, a eugenia foi se consolidando ao longo dos anos sob uma perspectiva nacionalista, higienista e sanitária. Com Lobato, essas ideias foram apresentadas de maneira “palatável” para um público infantil. Uma questão a se considerar no contexto das obras é que se almejava a construção de uma identidade nacional, que no Brasil tal construção se pautava no apagamento de negros e negras, com vistas a uma identidade étnico-racial nacional majoritariamente branca (MENDES; MAIA, 2019).

Outro aspecto a se considerar é o processo, ocorrido entre os séculos XIX e XX, da construção histórica e cultural da infância, porque a construção de uma literatura para o público infantil só se fez possível em uma sociedade e cultura que conferiram a estes sujeitos sociais uma especificidade. Daí, justamente, decorreria a preocupação com textos vistos como adequados a estes sujeitos em formação. Antes a literatura era voltada majoritariamente ao público adulto. Neste sentido foi se

delineando um longo processo histórico de construção de uma literatura voltada para as infâncias, para além de forjar um estilo e gênero literário, produziu-se concomitantemente uma identidade do leitor. Ou seja, ao definir e qualificar a singularidade dessa produção literária, produziu-se também uma representação de infância e leitor infantil (GOUVÊA, 2005).

No conto “Negrinha”, a personagem é reportada pejorativamente a partir da sua fenotipia e pertencimento étnico-racial como negra. No enredo os apelidos e xingamentos reiteradamente a desqualificam: “pestinha”, “diabo”, “coruja”, “barata descascada”, “bruxa”, “pata-choca”, “pinto gorado”, “mosca-morta”, “sujeira”, “bisca”, “trapo”, “cachorrinha”, “coisa ruim”, “lixo”, “peste bubônica”, subtraindo seus direitos de ser reconhecida como criança. Fica evidente a violência simbólica e física que a personagem sofria, o que se observa também no trecho: “a sua pobre carne exercia para os cascudos, cocres e beliscões a mesma atração que o ímã exerce para o aço” (LOBATO, 1920, p. 60).

Figura 1. Capa do livro "Negrinha"



Neste conto, escrito por Monteiro Lobato em 1920, Negrinha é uma menina apresentada como um objeto, animalizada, fadada aos caprichos e aos castigos corporais convenientes à dona da casa, que na época a “adotou”, mas que, na verdade, não suportava a presença de crianças negras. Ao longo do enredo, desvelou-se um corpo que podia ser torturado, ser alvo de castigos, o que se configura como a continuidade de uma mentalidade escravocrata e racista. Entre as

cenas de tortura e castigos físicos.

São várias as formas com que o narrador reitera a desqualificação da menina negra, expressas em constantes xingamentos que perversamente buscavam despojar a sua humanidade, banalizando as violências sofridas no seu corpo de menina. A desigualdade social e racial entre os membros da casa era naturalizada pelo narrador, como indicam as diversas formas de violência decorrente das assimetrias entre a menina negra e as pessoas brancas que frequentavam a casa. A referência ao passado como “proprietária” de seres humanos que foram escravizados/as deixa claro que, para esta senhora, a despeito de haver uma lei que proibiu a escravização de seres humanos, ela reservava à menina o mesmo tratamento que dava aos escravizados como forma de afirmar seu poder.

Daí a urgência de problematizar os elementos racistas que fundamentam e perpassam essa obra literária. Apesar das várias pesquisas com críticas e denúncias com relação ao ideário defendido por Lobato, este autor ainda é enaltecido e faz parte de leituras e contação de histórias em espaços coletivos de Educação Infantil, o que nos traz grandes inquietações, pois compõem, na maioria das vezes sem nenhum contraponto, os imaginários de meninas e meninos negros desde a infância.

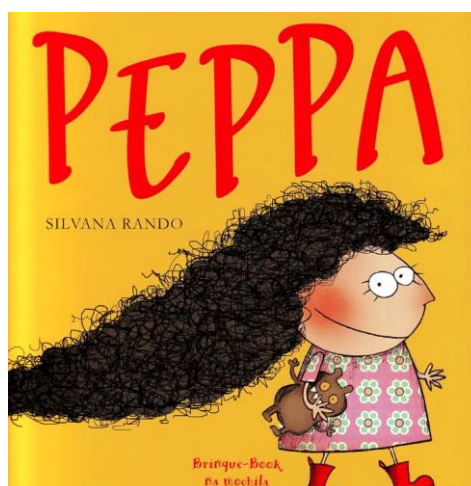
Oportunas são as discussões que analisam o campo da literatura de forma a evitar que disseminem o racismo e o preconceito, o que, na perspectiva decolonial negra antirracista, seria inaceitável. Difundir tais obras eurocêntricas e racistas impede avanços nos “processos de validação de conhecimento e de autodefinição” (COLLINS, 2019) que compõem as perspectivas contra-hegemônicas. Assim, ao olharmos para literaturas como a de *Negrinha* podemos perceber como o racismo ambíguo brasileiro é um dos pulmões por meio do qual se exala a colonialidade e o colonialismo presentes no imaginário e nas práticas sociais, culturais, políticas e epistemológicas brasileiras (GOMES, 2019).

Institucionalização do racismo nos dias atuais: *Peppa*

A segunda obra que instiga nosso debate foi o livro *Peppa*, escrito por Silvana Rando (2010), uma premiada ilustradora e autora de literatura infantil. A obra foi escolhida porque vendeu 37 mil exemplares (O TEMPO, 2017) e foi aprovada no Programa Minha Biblioteca 2010 pelo Ministério da Educação (MEC), de modo que chegou a compor parte dos acervos das EMEIs (Escolas Municipais de Educação

Infantil) e CEIs (Centros de Educação Infantil) da Prefeitura de São Paulo.

Figura 2. Capa do livro "Peppa"



A personagem principal, a menina Peppa é caracterizada como uma menina cujo seu cabelo crespo é representado a partir de um enredo e de ilustrações-estéticas permeadas de tensões, conflitos e diferentes formas de violências. O enredo foca no cabelo crespo de uma menina de pele clara. A história, então, gira em torno do desejo de alisar cabelo, os impedimentos para mantê-lo liso e a decisão de deixá-lo crespo. As adjetivações atribuídas revelam os estereótipos que o desqualificam.

No início da história, a beleza de Peppa é colocada pela narradora, com destaque para o cabelo crespo armado “como os fios de aço”. Logo em seguida, a protagonista aparece como um bebê. Contudo, o seu cabelo aparece amarrado ao berço, de modo a puxá-lo. Uma primeira leitura poderia imaginar que o livro se propusesse a reafirmar e valorizar o cabelo crespo. Contudo, a sua caracterização ao longo da história acaba por reafirmar um padrão eurocêntrico. Afinal, o cabelo crespo vai se configurando como o cabelo abjeto, não humano: “fio de aço” e “cabelo forte”. Tais representações depreciativas e violentas são expressas também nas ilustrações. Em uma dessas ilustrações, Peppa aparece puxando uma geladeira com o cabelo, e em outra brincando usando seu cabelo como uma corda num cabo de guerra com outras crianças. Estas imagens trazem à tona a ambiguidade do racismo implícito ao longo da história brasileira. (LIMA, 2017).

Independentemente do fato de Peppa estar sendo apresentada como uma menina de pele clara e cabelo com textura qualificada em “forte como aço”, com o qual ela consegue arrastar geladeira ou fechar pacotes de biscoito, as ilustrações

convergentes acabam, na realidade, por reforçar o crespo como uma estética abjeta. Isso pode ser observado, por exemplo, no uso de alicates e de outras ferramentas para cortar o cabelo forte como “fios de aço”. Com a comparação pejorativa que se atrela ao imaginário racista que aponta o cabelo crespo como “bombril” e a outras depreciações, há o desejo de Peppa em alisar o seu cabelo a busca de se adequar a uma estética etnocêntrica.

O livro provoca-nos, por isso, a pensar no impacto das obras de literatura infantil na construção das identidades de meninas negras e como este processo se reflete no espaço da educação da pequena infância. Como observa Gomes (2003, 2019), o cabelo crespo é um sinal da negritude nos corpos. Logo, mesmo a pele clara – que poderia ser vista como um avanço na representação variada de negros e negras – não é suficiente para atenuar os problemas das representações racistas na obra.

Na ilustração, *Peppa* não tem apenas fios resistentes, mas, crespos. Poderiam inspirar o retrato, entre outros, de crespos árabes, judeus ou de filhos inter-raciais. No comparativo, para todas essas possibilidades, os cabelos afros possuem diferenciais imbricados na história da cidadania negra. No entanto, a associação pejorativa com os termos, chumaço, crespo de aço, remete não a qualquer crespo, mas às expressões racistas tão naturalizadas (LIMA, 2017).

As ambiguidades presentes tanto na trama como na ilustração vão se revelando e os estereótipos se fazem cada vez mais presentes ao olhar inicial, possivelmente desavisado de alguns(mas) leitores(as). Ações violentas caracterizadas como brincadeiras, nas quais o cabelo serve para fazer cabo de guerra (!), constituem-se em situações absurdas. Essas situações absurdas ratificam a natureza deste cabelo como fora do padrão liso e, no limite, humano. As ilustrações demonstram como funciona esse mecanismo de perpetuação racista. Por fim, uma lista de restrições para manter o cabelo liso faz com que Peppa desista e fique com o seu cabelo crespo. Observe-se, então, que a solução da tensão narrativa oferecida pela história não denota uma valorização, mas sim resignação e reafirmação de uma estética etnocêntrica.

Ao olhar para esta obra percebemos que infelizmente o racismo continua sendo reiterado também em obras atuais. Por essa razão, é relevante problematizar quais literaturas infantis vem sendo destinadas para as crianças e refletir sobre os aspectos materiais e simbólicos que expressam as desigualdades de gênero e étnico-racial. Considerando que as experiências de discriminação racial na infância estão entre os

elementos centrais que constroem um processo de reconhecimento e pertencimento racial e de gênero, a reflexão sobre essas produções literárias pode nos ajudar problematizar o processo de educação do corpo negro da menina negra e o direito à construção de pertencimento.

Considerações finais

Pensar nas formas de representação das meninas negras a partir das personagens *Negrinha* e *Peppa* nos forneceu evidências da urgência da luta antirracista na literatura no Brasil. Ao mesmo tempo que trouxe subsídios para desnaturalizar este processo de construção social nomeado como “Outremização”, que por meio de estratégias de desqualificação, subalternização, em especial no que se refere ao racismo anti negro, acaba por perpetuar a dominação e o controle, enquanto mascara e justifica a violência colonizadora.

Foi perceber como as perversas ciladas do racismo e do sexismo permeiam a representação das meninas negras, as formas como representam a sub-representação e desumanização nos diferentes enredos e contextos históricos. Ao trazer estas personagens construídas em diferentes tempos históricos, percebemos a dinâmica entre matrizes de poder entre raça, gênero e infância que se entremeiam de forma complexa, gerando desigualdades e opressão que se evidenciam na produção literária.

O intuito foi problematizar as formas de normatividade que permeiam as representações das meninas negras na literatura infantil, o que trouxe possibilidades de realizar um expressivo processo de ressignificação e (re)existência no contexto de racismo e sexismo presente nas vidas das meninas negras desde a primeira infância. Ao questionar as representações imagéticas e práticas discursivas que colocaram o corpo feminino negro da pequena infância num lugar de invisibilidade, desumanização e objetificação, por exemplo, como as obras de *Negrinha* e *Peppa*, foi possível notar que as questões das representatividades identitárias da menina negra, configuram-se como violências frutos do racismo e do sexismo presentes na sociedade brasileira.

As literaturas infantis, compreendidas como parte da cultura material carregada de simbologias, serviram de suporte para compreender as formas de representação e representatividade das personagens de meninas negras e sua relação com os processos de construção identitária na infância. As formas de representatividades

podem se configurar como violências que dissimulam as perversas maneiras com que o racismo opera e se mascaram nas literaturas infantis, afetando os modos de ser das infâncias negras. (CHAVES, 2023).

Assim como pudemos perceber que “não serve qualquer forma de representação” da criança pequena negra. Com os olhares críticos construídos pelas pesquisas brasileiras nos últimos anos, apontam para a necessidade de uma vigilância constante para não reproduzir imagens que afetam sua dignidade, ao se levar em conta que durante a infância toda criança negra se depara com xingamentos e adjetivações pejorativas, que se referem ao seu corpo, cabelo, cor da pele, dentre outras formas de violências que buscam subalternizar seus corpos.

Finalizamos destacando a importância de dar visibilidade aos processos de resistência e luta contra o racismo e sexismo que permeiam as vidas das crianças negras brasileiras, especialmente tendo em vista as relações assimétricas de poder tão características do Brasil. Tirando da invisibilidade o racismo que se configura diante da violência explicitada fruto de uma sociedade escravocrata, construída a partir de um imaginário e estética colonialista, que permeiam as relações sociais no Brasil até hoje.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOWICZ, Anete; OLIVEIRA, Fabiana; RODRIGUES, Tatiane Cosentino. A criança negra, uma criança negra. In: ABRAMOWICZ, Anete; GOMES, Nilma Lino (org.). **Educação e raça**: perspectivas políticas, pedagógicas e estéticas. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BENTO, Maria Aparecida Silva. A identidade racial em crianças pequenas. In: BENTO, Maria Aparecida Silva (org.). **Educação infantil, igualdade racial e diversidade**: aspectos políticos, jurídicos, conceituais. São Paulo: CEERT, 2012. p. 98–117.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdades no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CHAVES, Rosa Silvia Lopes. **Meninas negras na literatura infantil**: infâncias, identidades e representatividades. Tese (Doutorado em Educação) Escola De Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo. Guarulhos, 2023.

CHAVES, Rosa Silvia Lopes; FINCO, Daniela. Questões étnico-raciais, políticas

públicas e o direito das crianças pequenas a uma educação antirracista. In: MONÇÃO, Maria Aparecida Guedes; BARBOSA, Luciane Muniz Ribeiro (org.). **Políticas Públicas de Educação Infantil: diálogos com o legado de Fúlvia Rosemberg**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. p. 181- 204

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento Feminista Negro: Conhecimento, Consciência e a Política do Empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019.

FINCO, Daniela; OLIVEIRA, Fabiana. A sociologia da pequena infância e a diversidade de gênero e de raça nas instituições de educação infantil. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; FINCO, Daniela (org.). **Sociologia da Infância no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2011. p. 60–80.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 167–182, 2003.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2017.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, São Paulo, p. 223–244, 1984.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 77–89, 2005.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Democracia racial: o ideal, o pacto e o mito. **Novos Estudos Cebrap**, São Paulo, v. 3, n. 61, p. 147–162, 2001.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

JOVINO, Ione da Silva. **Crianças negras na história: Fontes e discursos sobre a breve infância permitida pelo escravismo oitocentista brasileiro**. Revista Eletrônica de Educação, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 189–226, 2015.

JOVINO, Ione da Silva. Personagens negras na literatura infantil brasileira de 1980 a 2000: revisitando o tema. In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 38, 2017, São Luís. Anais da ANPED. São Luís: ANPED, 2017.

LIMA, Heloísa Pires. Peppa e o debate público: relações raciais nas páginas de livros infantis. n: **Instituto Emília**. 12 dez. 2017. Disponível em: <https://emilia.org.br/peppa-e-o-debate-publico-relacoes-raciais-nas-paginas-de-livros-infantis/>.

LOBATO, Monteiro. **Negrinha Conto**. São Paulo: Globo, 1920.

MENDES, Neilson Barbosa; MAIA, Fernanda Nunes. Monteiro Lobato, Racismo e Literatura: narrativas de um eugenista. **Revista Espaço Livre**, Goiânia, v. 14, n. 28, p. 53–65, 2019.

O TEMPO. Silvana Rando retira livro “Peppa” de circulação. **O tempo**. [S. l.], 2017. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/entretenimento/magazine/silvana-rando-retira-livro-peppa-de-circulacao-1.1546128>. Acesso em: 2 abr. 2024.

PORCIÚNCULA, Rafael Fúculo. **As ideias raciais na obra de Monteiro Lobato: ficção e não ficção**. Dissertação (Mestrado em Letras - Literatura Comparada) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

RANDO, Silvana. **Peppa**. São Paulo: Brinque-Book, 2010.

ROSEMBERG, Fúlvia. Educação para quem? **Revista Ciência e Cultura**, Campinas, v. 28, n. 12, p. 1466–1471, 1976.

SILVA, Ana Célia da. Estereótipos e preconceitos em relação ao negro no livro de comunicação e expressão de 1º grau – nível I - projeto de pesquisa. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 63, 1987.

SOUZA, José Wellington de. **Raça e Eugenia na Obra Geral de Monteiro Lobato**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - UFJF, Juiz de Fora, 2017.

SOUZA, Ellen G. Lima de. Crianças Negras E Culturas Infantis: Aportes Para A Descolonização Das Infâncias. **Olhares**: Revista do Departamento de Educação da Unifesp, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 24–37, 2016.

TRINIDAD, Cristina Teodoro. **Identificação étnico-racial na voz de crianças em espaços de educação infantil**. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2011.